

## Luzes alexandrinas

João Vicente Ganzarolli de Oliveira

professor doutor do Centro de Tecnologia da UFRJ

Existem e sempre existiram Reis e reis, Reinos e reinos, Cidades e cidades. Tenhamos isto em mente ao longo das linhas que se seguem; falaremos de um Rei, de um Reino e de uma Cidade. Foram mais de dez as Alexandrias fundadas por Alexandre Magno durante sua campanha vitoriosa pelo Oriente (334-323 a. C.). Algumas sobrevivem até hoje e até podem ser identificadas pelo nome original, que modificou-se pouco a despeito das convulsões linguísticas sofridas ao longo de quase dois milênios e meio: é o caso da afegã *Kandahar*, na encruzilhada das rotas comerciais que outrora ligavam a Índia ao Oriente Médio, à Ásia Central e ao Golfo Pérsico; e da egípcia *Iskandariyah*, nas margens do Mediterrâneo. É desta última Alexandria, criada por Alexandre em 331 a. C., que nos ocuparemos; dentre todas as cidades do Reino Alexandrino (ou, se preferirmos, do Império Helenístico), foi a que mais intensamente cumpriu o plano de Alexandre de criação e difusão de conhecimentos científicos em escala mundial.

Trata-se do mundo tal como era conhecido pelos antigos: a bacia do Mediterrâneo, boa parte da Europa e do norte da África, o Oriente Médio e porções reduzidas da Índia; nada se sabia do resto da Ásia e da África, da América e da Oceania inteiras, para não falar da Antártica – terras que o gênio helenista Crates de Milo (s. II a. C.), chefe da biblioteca de Pérgamo (filha cultural da Alexandria egípcia), visando o princípio pitagórico da harmonia necessária entre partes e todo, incluiu profeticamente em seu Globo Terrestre, destinado a influenciar sábios como Plínio em sua *Historia naturalis* e navegantes como Cristóvão Colombo em sua Descoberta da América.

Alexandria era algo radicalmente novo no planeta Terra, fosse na parte conhecida pelos gregos, fosse fora desta: nada de parecido havia sido criado no Oriente Médio, na China e nem na Índia; a maior parte da Europa ainda vivia na Idade da Pedra, valendo o mesmo para a América pré-colombiana, quase todo o continente africano, a Austrália e demais ilhas do Pacífico, que na sua maioria nem habitadas estavam; a própria Grécia clássica (que engloba quase todo o século V a. C. e vai até a época de Alexandre) era essencialmente centrípeta em suas realizações culturais. Nem mesmo um gênio universal como Aristóteles pensava que a cultura grega pudesse interessar aos povos que viviam

fora do circuito cultural da Hélade. Nesse ponto, em particular, Alexandre desviou-se dos ensinamentos do mestre que teve na infância e na mocidade: apostou e investiu na mistura étnica e cultural não só entre os macedônios (como era o caso dele mesmo, de seu pai Felipe e de Aristóteles) e os seus primos gregos, mas também entre esses dois grupos e os povos do Oriente. Fazendo isso, Alexandre inaugurou a Grécia centrífuga, geradora de um intercâmbio cultural sem precedentes; defensor da colaboração irrestrita entre os diversos saberes, Alexandre Magno foi o pai da interdisciplinaridade; e Alexandria foi a *cellula mater* desta invenção medieval que foi a Universidade.<sup>1</sup>

Filha de Alexandre, a civilização helenista buscou um denominador comum entre o cosmopolitismo e o individualismo, o racionalismo e a superstição. Os ramos do saber se especializaram e a Alexandria egípcia – proeminente a ponto de tornar-se a Alexandria por antonomásia – “dominou a vida intelectual do mundo grego, especialmente sob os três primeiros reis Ptolomeus (323-221 a. C.), e isso era largamente devido à criação do famoso Museu – literalmente o *santuário das musas* – e a Biblioteca”.<sup>2</sup> Nunca antes, na História Universal, as pesquisas haviam tido um estímulo tão forte por parte de um governo; o homem do Mundo Antigo viu-se diante de mares nunca dantes navegados através do oceano da ciência e da própria cultura em geral. Era um saber voltado essencialmente para o próprio saber: antecipando sob a forma de paráfrase o baixo contínuo que os artistas românticos tocarão em coro às vésperas do século XX, os alexandrinos amavam a *sapientia gratia sapientiae*. Assim como a recompensa pela prática do bem estava na felicidade encontrada em praticá-lo (conforme indicavam os ensinamentos morais de Sócrates, Platão e Aristóteles), o prêmio pela aquisição de conhecimento estava na própria atividade com a qual ele era adquirido. Antecipava-se também a concepção de educadores como Fulton Sheen, segundo o qual o estudo proporciona a felicidade na mesma medida em que ele possibilita um “aumento de ser”, que é “impulsionado pelo amor à verdade”.<sup>3</sup>

A época ptolomaica mostrou-se “assombrosamente criadora em todas as ordens”.<sup>4</sup> Do Egito helenizado partiam vias comerciais rumo à China, à Índia, ao centro e à costa leste da África, à Rússia e às Ilhas Britânicas. Os Ptolomeus foram os mais eficientes

---

<sup>1</sup> Ver a esse respeito Jacques Le Goff. *Os intelectuais na Idade Média* (trad. Margarida Sérulo Martinho), Lisboa, Gradiva, 1984, p. 69 et passim.

<sup>2</sup> F. M. Walbank. *The Hellenistic World*, Londres, Fontana Press, 1992, p. 176.

<sup>3</sup> Fulton Sheen. Fulton Sheen. *Treasure in Clay. The Autobiography of Fulton Sheen*, Nova Iorque, Doubleday and Company, 1982, p. 55 et passim.

<sup>4</sup> Pierre Grimal. *El helenismo y el auge de Roma. El mundo mediterráneo en la Edad Antigua*, 10ª ed., México, Siglo Veintiuno, 1986, p. 206.

dentre os herdeiros de Alexandre no que se refere à construção de um reino organizado. Guiaram-se pelo modelo dos faraós e dos reis persas, adaptando-o à forma municipal da Grécia e transmitindo o exemplo à Roma imperial. Dentre os muitos efeitos da criação do Museu de Alexandria, é importante que se considere não só a preservação da cultura do passado, mas também o estímulo à vanguarda cultural da época: poetas como Teócrito, Calímaco e Apolônio de Rodes – autor dos *Argonautas*, obra máxima da literatura alexandrina – devem boa parte da sua fama a essa instituição. (O Mediterrâneo oriental é repleto de lendas que falam de catástrofes naturais, como erupções vulcânicas, maremotos e terremotos. Lê-se em Apolônio a descrição de uma grande nuvem cinzenta, formada por lava vulcânica, que bem pode ter sido inspirada nalgum relato sobre o cataclismo geológico que assolou Creta e outras localidades do mar Egeu em c. 1700 a. C. e talvez tenha dado origem à lenda da Atlântida.<sup>5</sup>)

O estímulo de grandes centros como Alexandria e Pérgamo resultou num avanço considerável na ciência pura e também na aplicada. O conhecimento deixara de ser um patrimônio exclusivo dos filósofos.<sup>6</sup> Difícil seria achar um ramo do conhecimento externo à órbita de Alexandria: da Matemática à Gramática, da Filosofia à Medicina, da Geografia à Biologia, da Astronomia à Política, da Música à Cartografia, da História à Teologia, tudo, absolutamente tudo interessava aos sábios alexandrinos – sempre atentos às múltiplas relações possíveis entre as esferas do saber. Sobre a estagnação da ciência aplicada (que teve momentos esplêndidos com Aristóteles, Teofrasto, Eudoxo, Eratóstenes, Euclides, Arquimedes, Aristarco, Ptolomeu, Hiparco e Hipátia), no final do helenismo, muito ainda resta por esclarecer.

A importância de Alexandria como polo editorial data dos tempos do primeiro Ptolomeu. No início da era cristã, destacam-se as miniaturas ilustrativas dos manuscritos editados. Nos marfins, verdadeiras “miniaturas esculpidas”<sup>7</sup>, reaparecem as cenas dos volumes ilustrados. Tal como a pintura alexandrina, que difere da copta por sua elegância, os marfins de Alexandria possuem uma identidade transparente: “enquanto os marfins propriamente coptas são enérgicos, mas toscos, nos marfins de Alexandria encontramos

<sup>5</sup> Cf. Richard Fortey. *Der bewegte Planet: eine geologische Reise um die Erde* (trad. Jens Seeling), Munique, Spektrum Akademischer Verlag, 2005, p. 132.

<sup>6</sup> “O que atualmente sabemos da Antiguidade conduz-nos a uma conclusão significativa. Se a Idade Média tivesse conservado mais textos da literatura técnica da Antiguidade, teríamos atingido mais depressa o elevado nível industrial e técnico de que tanto nos orgulhamos hoje” (Carl Grimberg. *História da civilização* [trad. Jorge de Macedo], Lisboa, Europa-América, 1966, t. III, p. 214).

<sup>7</sup> José Pijoan et alii. *Arte cristiano primitivo. Arte bizantino hasta el saqueo de Constantinopla por los cruzados el año 1204*, in *Summa Artis. Historia General del Arte*, 5ª ed., Madri, Espasa-Calpe, 1966, p. 145.

uma espécie de virtuosismo, um empenho em esculpir imagens vivas, nervosas e refinadas”.<sup>8</sup>

A partir do século II, o helenismo cristão encontra em Alexandria um ambiente extraordinariamente propício para se expandir: “O sonho de Alexandre ao fundar a cidade que leva seu nome havia de realizar-se agora: dois sistemas universais, a cultura grega e a Igreja cristã, unir-se-ão na poderosa estrutura da teologia alexandrina”.<sup>9</sup> Mais: “A posição geográfica, que fazia da cidade um *carrefour* de civilizações, modelava aí um liberalismo religioso que favorecia as propagandas e os proselitismos.”<sup>10</sup> A sintonia entre o Evangelho e a cultura grega fora preparada às vésperas da era cristã pelo judeu Filo de Alexandria, conhecido por seu empenho em achar concordância entre o Antigo Testamento e os ensinamentos dos filósofos pagãos. Tudo leva a crer que nessa mesma época surge o alfabeto copta, “que utiliza caracteres gregos para transcrever uma língua que não é o grego”<sup>11</sup>, e que dá nome também a um dos ramos do cristianismo mais ativos no século IV, bem como à arte que se acha diretamente ligada a ele. É um cristianismo distanciado da ortodoxia; cedo o Egito aderiu ao monofisismo, tal como aconteceu na Síria, na Judéia e na Armênia. No Egito essa adesão reflete-se na arte sob a forma de uma busca de identidade própria; rejeitam-se os modelos helenistas e volta-se aos “velhos motivos egípcios”<sup>12</sup>.

É significativo que o neoplatônico Plotino, o último gigante da filosofia pagã, tenha vivido na mesma época em que Orígenes, o primeiro grande pensador da Antiguidade cristã, e que ambos fossem discípulos do mesmo mestre em Alexandria, o enigmático Amônio Sacas – isso sem contar a sua contemporaneidade em relação a São Clemente de Alexandria, defensor ardente de um platonismo cristão. Primeiro a falar com clareza ao homem sobre a imortalidade da alma, o “divino Platão” foi elevado à categoria de autoridade máxima em matéria de religião e de teologia pelos alexandrinos dos séculos II e III d. C. Se é verdade que a história do pensamento ocidental pode ser definida como “notas de pé de página ao que Platão e Aristóteles ensinaram”, como queria o filósofo inglês Alfred Whitehead, não se deve esquecer que a sobrevivência da cultura clássica

<sup>8</sup> Idem, p. 146; ver também N. A. Dmitrijewa et alii. *Allgemeine Geschichte der Kunst: die Kunst der Alten Welt* (trad. Ullrich Kuhirt et alii), Leipzig, Veb E. A. Seemann, 1961, t. I, p. 383-397.

<sup>9</sup> Werner Jaeger. *Cristianismo primitivo y paideia griega* (trad. Elsa Cecilia Frost), 6ª ed., México, Fondo de Cultura Económica, 1993, p. 63.

<sup>10</sup> Jean Danielou. *L’Eglise des premiers temps. Des origines à la fin du IIIe siècle*, op. cit., p. 136.

<sup>11</sup> Idem, p. 136.

<sup>12</sup> Franz Georg Maier, Mechtild Nüsslein e Hermann Beckendorf. *Las transformaciones del mundo mediterráneo. Siglos III-VIII* (trad. Pedro Viadero), 3ª ed., Madri/Buenos Aires/México, Siglo Veintiuno, 1975, p. 161.

deve-se em grande parte ao fato de que Platão incluía-se nela; se não fosse por isso, talvez tivesse morrido “juntamente com os deuses olímpicos”.<sup>13</sup>

Atualmente inexpressivas sob o ponto de vista da cultura, as Alexandrias estão entre as muitas outras cidades helenistas (Apaméia, Hatra, Palmira, Petra) batizadas com nomes de mulher; não é impossível que esse detalhe tenha inspirado algumas das mais belas páginas d'*As cidades invisíveis* de Ítalo Calvino. A Alexandria egípcia também se tornou famosa por causa do seu magnífico e gigantesco Farol, uma das Sete Maravilhas do Mundo Antigo: enquanto as luzes do Farol guiavam os barcos dos navegantes pelas águas do Mediterrâneo oriental, a Biblioteca e o Museu de Alexandria iluminavam, para os habitantes de todo o Mundo Antigo, o caminho que conduz à sabedoria.

---

<sup>13</sup> Werner Jaeger. *Cristianismo primitivo y paideia griega*, op. cit., p. 67.